

A entrada da Cidade Proibida, que o presidente deve visitar na manhã de terça-feira

-2 JUL 1988

Sarney começa visita à China hoje em Shanghai

JAYME MARTINS
Especial para O Estado

PEQUIM — Quando chegar a Shanghai, hoje, o presidente José Sarney encontrará um povo diferente daquele que foi caracterizado durante o período de Mao Tsé Tung. O chinês está entusiasmado em consumir. O programa oficial de Sarney começa na segunda-feira, quando ele se encontrará com o presidente Yang Shang Kun e com o primeiro-ministro Li Pen. Mas já na véspera ele poderá notar a expectativa das autoridades locais em intensificar as relações comerciais com o Brasil.

Os negócios entre o Brasil e a China têm em 1974 um ano decisivo. Brasília reconheceu diplomaticamente o governo de Pequim e houve um aumento significativo no comércio bilateral. As transações aumentaram em volume, valor e variedade, tendo atingido seu ponto alto em 1984, com a visita do ex-presidente João Figueiredo à China. O que se espera agora é que a viagem de Sarney retome e supere os índices já alcançados.

Até 74, as relações comerciais entre Brasil e China envolviam apenas 17 milhões e 420 mil dólares. Em 84, ano recorde, atingiram um bilhão e 410 milhões de dólares. Esse número representou 55% do comércio chinês com a América Latina e o Caribe. Os anos seguintes foram de queda: 960 milhões em 86 e 690 milhões em 87.

A queda registrada em 86 foi atribuída a dois fatores meramente conjunturais. De um lado, houve decréscimo geral no nível das exportações brasileiras (foi o período da enorme demanda interna, decorrente do Plano Cruzado). Ao mesmo

tempo, a redução do valor das exportações chinesas teve relação com a acentuada queda ocorrida nos preços internacionais do petróleo, responsável pela quase totalidade das vendas daquele país para o Brasil. Em 87, as exportações brasileiras cresceram, assim como os preços do petróleo. Mesmo assim continuou a tendência de queda no comércio bilateral, especialmente no que se refere às exportações brasileiras.

A China registra déficits nesse relacionamento, que chegaram a um bilhão e 200 milhões de dólares em 86 e 87. Isto justifica a expectativa de que o Brasil aumente suas importações de produtos chineses. O equilíbrio no comércio bilateral é, inclusive, questão a ser discutida durante o quinto encontro do Conselho Intergovernamental de Comércio Sino-Brasileiro, marcado para o segundo semestre deste ano.

Ampliação da Pauta

O leque de mercadorias negociadas entre os dois países até 74 era bastante limitado. A China importava apenas minério de ferro, sisal e uns poucos outros artigos, enquanto o Brasil adquiria quase nada das indústrias têxteis. Agora, porém, a China está comprando do Brasil aços planos, Ferro fundido, minério de ferro, alumínio, fibras químicas, madeira, carros, fumo, celulose, açúcar, cacau e outros, totalizando no ano passado 450 milhões e 180 mil dólares. Enquanto isso, o Brasil está importando da China óleo bruto, essência de hortelã, rolamentos, produtos têxteis, porcelana e artesanato. Estas vendas, em 87, significaram 243 milhões de dólares. Atualmente, o petróleo é o respon-

sável por mais de 90% do valor das importações brasileiras da China.

Para promover o comércio entre os dois países, o Conselho de Fomento do Comércio Internacional (a Câmara Geral do Comércio da China) realizou, em 1983 e 1987, exposições econômicas e comerciais em São Paulo e no Rio de Janeiro, enquanto o Brasil promoveu três exposições desse gênero em Pequim, em 1984, 1986 e 1987. A conclusão dos setores empresariais de ambos os países é que nenhuma dessas iniciativas primou pela objetividade na exploração das potencialidades reais de importação das partes. Foram como flechas disparadas longe do alvo. A última exposição brasileira, ano passado, quando Sarney deveria ter visitado a China, não teve a menor expressão.

Energia Nuclear

O intercâmbio de conhecimentos na área nuclear é ainda tratado como assunto reservado, mas promissor. No mês passado, o ministro do Exército, general Leonidas Pires Gonçalves, esteve em Pequim com este objetivo. A mesma tarefa terá o presidente da Nuclebrás, que viaja para a China nos próximos dias.

No campo da cooperação tecnológica há um projeto de fabricação, lançamento e administração conjunta de dois satélites de observação da terra por sensoriamento remoto (clima, solo, subsolo). Documento nesse sentido será assinado pelo presidente Sarney em seu último dia em Pequim. Há também um projeto da Braspetro, já em fase adiantada de entendimentos com a China, para a construção de uma refinaria em Shenzheng, situada em uma área economicamente importante do país.